

GAZETA

DO INTERIOR

Directora
Teresa Antunes

Sai à 5ª feira
110\$00 IVA incluído
E mail:
gazeta.interior@mail.telepac.pt

Porte Pago

PROJECTO MILENIUM NOS MAXIAIS

Fazer bem sem olhar a quem

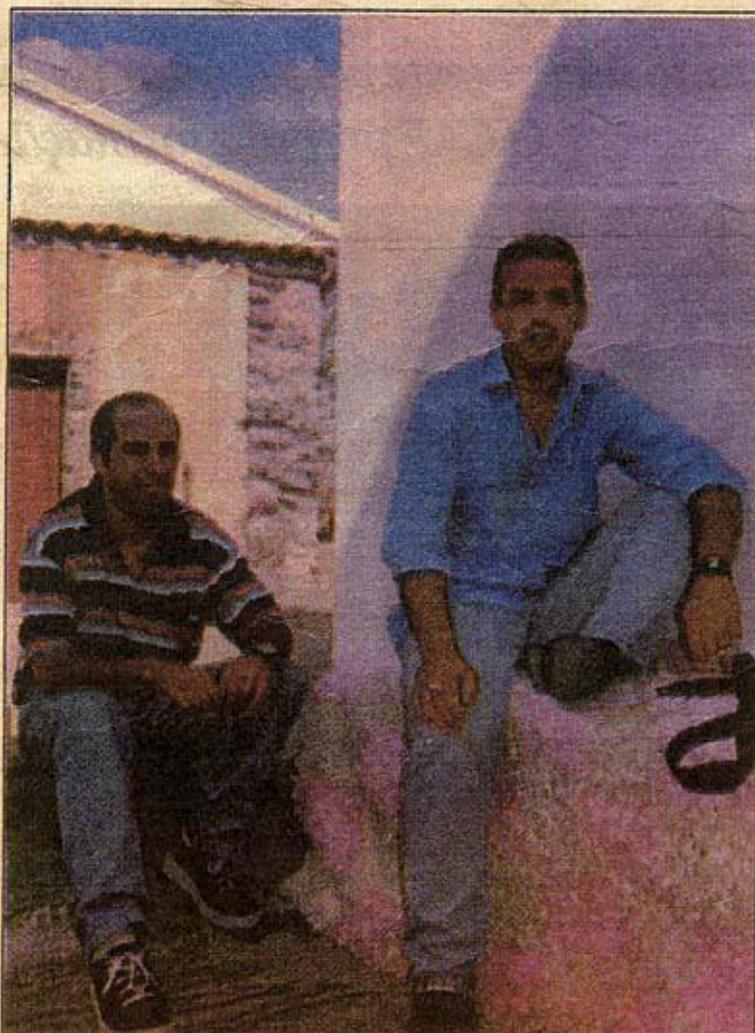
Carlos Anjos é um daqueles jovens a quem a droga ia estragando a vida. Perdeu a sua empresa, perdeu "tudo o que tinha". Até ao dia em que foi parar a uma associação cristã, de acolhimento de toxicodependentes. Passou-lá dois anos e já lá vão seis, desde a última vez que consumiu.

Uma cura que acha que fez com a ajuda de Deus e dos seus companheiros. "Líamos a bíblia, conversávamos e isso ajudou-nos muito. Quando deixamos a droga, sentimos um grande vazio e eu acho que Deus me preencheu esse vazio".

Natural de Lisboa, divorciado e com um filho, regressou à vida fora das paredes protectoras da instituição que o havia acolhido. Trabalhou, mas "o mundo cá fora parecia-me estranho. E cheguei à conclusão que o que eu queria mesmo era trabalhar com gente com os mesmos problemas". Reingressa na Associação Remar, onde tinha estado e é depois convidado para gerir uma outra instituição, a Levi, que estava a dar os primeiros passos na Guarda e que tem também um pequeno centro de acolhimento em Castelo Branco, para onde veio.

Mas o seu trabalho na Levi durou pouco tempo. A Gazeta foi encontrá-lo nos Maxiais, a poucos quilómetros de Castelo Branco, onde há um mês abriu uma casa de acolhimento e reabilitação de pessoas marginalizadas.

As portas estão abertas não só a toxicodependentes mas também a alcoólicos ou pessoas abandonadas que não pagam um tostão para ali residirem.



Carlos Anjos (à direita) e José Longo, os rostos deste projecto solidário.

Neste momento vivem lá 12 pessoas, na sua maioria na casa dos 30 anos, que se entregam a uma vida comunitária, onde há regras a respeitar, tarefas a cumprir e biscates para fazer, sempre que alguém re-

quer os seus serviços. "A maioria destas pessoas tinham uma profissão e, por isso, estão aptos a fazer diversos arranjos, pinturas, mudanças, limpezas e outras tarefas".

"Quando cheguei, contei com a

ajuda de alguns amigos, bati a todas as portas e as pessoas foram impecáveis. A Cruz Vermelha dá-nos roupas, a GNR ofereceu-nos beliches, e os vendedores da Praça de Castelo Branco são gente espectacular, não nos deixam faltar nada".

Toda a gente nos ajuda

Mas o desafio nunca está ganho e a vida de Carlos Anjos é um corropio, entre contactos com instituições, transporte de ofertas, recolha dos donativos, organização do trabalho e da contabilidade, etc.

Agora, diz, estão a ver se juntam algum dinheiro para abrirem uma loja em Castelo Branco. A ideia é fazer da loja uma espécie de feira da ladra dentro de quatro paredes, onde possam vender a preços simbólicos muitos dos donativos que recolhem pela Região.

Para isso espalharam pelo Distrito um pequeno folheto onde pedem às pessoas para não deitarem nada fora, desde móveis a loiças, passando por roupas, electrodomésticos, e outras utilidades. Além disso publicitam alguns serviços, desde pequenos arranjos a mudanças, que conseguem fazer graças à oferta de uma carrinha.

Carlos Anjos está animado, mas faz questão de dizer que o Projecto Millenium é uma casa de acolhimento, "não prometemos nada, apenas acompanhar as pessoas, cuidar delas".